
O Podcast Jogando Dados e a Economia Política da Comunicação Brasileira¹

Guilherme BERNARDI²
Gina Viviane Mardones LONCOMILLA³
Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR

Resumo

Este trabalho tem por finalidade apresentar o *podcast Jogando Dados* como ferramenta de divulgação de conhecimento pertinente ao subcampo da Economia Política da Comunicação (EPC). Para isso apresentaremos a origem do projeto, os objetivos que ajudam a nortear a produção, bem como alguns exemplos de séries formativas que são pensadas e trabalhadas pela equipe. Entendemos que a dinâmica do *Jogando Dados* tem contribuído para consolidar as discussões no campo, além de agregar importantes debates da atualidade possíveis de serem analisados com os aportes teóricos da EPC.

Palavras-chave: *Jogando Dados*; *podcast*; EPC; Cubo/UEL; Cepcom/Ufal.

Introdução

A busca pela divulgação do conhecimento para além dos debates em sala de aula encontrou no formato *podcast* – arquivo de áudio transmitido via internet com conteúdo sob demanda – um importante aliado. Esse tipo de ferramenta foi impulsionado sobretudo com a pandemia da Covid-19, em 2020, quando professores, alunos e pesquisadores de modo geral se viram obrigados a dar continuidade à produção acadêmica em um cenário de excepcionalidade.

Diante dessa realidade, grupos de pesquisa como o Cubo/UEL (Economia Política da Comunicação e Crise do Capitalismo da Universidade Estadual de Londrina) e o Cepcom/Ufal (Crítica da Economia Política da Comunicação da Universidade Federal de Alagoas) aderiram ao formato para criar o *Jogando Dados* (JD).

A produção de um *podcast* envolve tarefas aparentemente simples, mas que na prática demandam uma série de recursos materiais e humanos (desde *softwares* de

¹ Trabalho apresentado no GP Economia Política da Informação, Comunicação e Cultura, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestrando em Comunicação pela UEL, onde também se graduou jornalista. Atualmente, é jornalista do Sindipro/Aduel, seção sindical do Andes-SN, tesoureiro da Ulepice-Brasil e membro do Grupo de Pesquisa CUBO/UEL. Produz o *podcast Jogando Dados*, sobre EPC. E-mail: guilherme.bernardi1995@gmail.com.

³ Doutoranda em Economia Política Mundial pela UFABC. Mestre em Comunicação pela UEL. Docente na Unopar/Arapongas. Faz parte da diretoria adjunta do Sindicato dos Jornalistas Norte do Paraná (Sindjor) e integrante da equipe do *podcast Jogando Dados*, sobre EPC. E-mail: gina.mardones@gmail.com.

gravação e edição, até plataformas de transmissão, hospedagem e divulgação) para a veiculação do material final. O formato não remunerado foi uma opção adotada desde o início pela equipe do *Jogando Dados*, muito embora o *Anchor*, plataforma de propriedade da gigante sueca *Spotify*, que completou 15 anos em abril de 2021, na qual ele está hospedado, ofereça a vinculação do programa com potenciais anunciantes.

A discussão sobre a monetização dos serviços de *streaming* e, em especial, dos *podcasts*, que não seguem a mesma lógica, por exemplo, da remuneração paga pelo *YouTube* aos canais e criadores de conteúdo, merece um aprofundamento para ser abordado em outro momento. Todavia vale ressaltar que, embora a publicidade seja a base de negócios da maioria dessas empresas, a quase totalidade dos criadores independentes de *podcasts* depende da base de assinantes (via, por exemplo, financiamento coletivo) ou de anunciantes conseguidos “por fora” das plataformas onde estão hospedados ou são distribuídos.

Assim, este artigo está dividido em três partes, além desta introdução. Na primeira, apresentaremos o histórico do *Jogando Dados* e um pouco da rotina que envolve sua produção. Na segunda, a fim de municiar futuros trabalhos e debates, serão apresentados dados sobre a audiência do *podcast*, que são coletados e ofertados pela própria plataforma. Ao final, por não ter como orientação o lucro ou a remuneração de seus criadores, exporemos um pouco das séries formativas que foram produzidas e disponibilizadas gratuitamente aos ouvintes.

O Podcast *Jogando Dados* sobre Economia Política da Comunicação

Fruto da parceria entre os grupos de pesquisa Cubo/UEL e Cepcom/Ufal, o *Jogando Dados* teve seu episódio de estreia publicado em 15 de abril de 2020. Desde o início, o *podcast*, que, no campo da Comunicação, está inserido no subcampo da Economia Política da Informação, da Comunicação e da Cultura (EPICC) ou apenas Economia Política da Comunicação (EPC), demarcou a filiação marxista da abordagem que se proporia a fazer. Durante mais de um ano, a abertura de cada episódio reforçava que as análises e discussões ali feitas partiam da EPC (ou da Crítica da Economia Política aplicada à Comunicação), sendo, portanto, a comunicação entendida como uma forma social, da mesma maneira que a mercadoria, o dinheiro, o direito e o Estado. Ou seja, também ela parte da estrutura da sociedade capitalista.

Inicialmente a equipe do *podcast* era composta por Anderson Santos, professor da Unidade Educacional Santana do Ipanema/Campus Sertão da Ufal e vice-líder do Cepcom, Manoel Dourado Bastos, professor do departamento de Comunicação da UEL, líder do Cubo e coordenador do GP de Economia Política da Informação, Comunicação e Cultura da Intercom, e Guilherme Bernardi, mestrando em Comunicação pela UEL e membro do Cubo. A arte que ilustra todos episódios foi desenvolvida por Davi Fiuza. O primeiro reforço para a equipe foi Gabriela Fernandes Silva, estudante de jornalismo da UEL e membra do Cubo, que estreou na bancada no dia 27 de maio, quando participou do episódio #06 - *Os Dados do Jogando Dados*. Ela é a responsável pelas artes e pelas atualizações das redes sociais. Ainda em 2020, os membros do Cubo e mestres em Comunicação pela UEL Rafaela Martins de Souza, que é também doutoranda em Comunicação pela Universidade de Coimbra, e Willian Casagrande Fusaro, após participação como convidados, passaram a reforçar a equipe. Gina Mardones, doutoranda em Economia Política Mundial pela UFABC e mestre em Comunicação pela UEL, e Júlio Arantes, professor da Ufal e líder do Cepcom, que já havia participado em dois episódios como convidado, foram as duas últimas adições, passando a integrar o grupo na transição de 2020 para 2021. Hoje, o *Jogando Dados* é produzido por oito pessoas, que se revezam entre gravação, edição e outras funções.

Todos os episódios foram produzidos de maneira remota, devido à pandemia de Covid-19 e à própria localização dos grupos de pesquisa em diferentes estados, por meios diferentes como, inicialmente, o aplicativo *Discord*, com o auxílio de um *bot* (diminutivo de *robot*), e, depois, a plataforma *Zencast*, que liberou gratuitamente uma série de funcionalidades (por exemplo, número maior de pessoas por gravação) durante a pandemia. Os episódios são editados pelo *software* livre *Audacity* e estão todos hospedados na plataforma gratuita *Anchor*, que foi adquirida, em fevereiro de 2019, pelo *Spotify*. Em média, somando apenas gravação e edição (sem contar, portanto, os tempos de leitura e preparação da pauta e de publicação e compartilhamento em redes sociais e e-mails), cada um dos episódios “regulares” (os publicados às quartas-feiras) demandou de três a quatro vezes o tempo de sua versão finalizada para ser produzido.

Além da publicação dos episódios no *Anchor*, os quais são automaticamente distribuídos para, além do *Spotify*, outros vários agregadores de *podcast* (*Apple Podcasts*, *Breaker*, *Castbox*, *Google Podcasts*, *Overcast*, *Pocket Casts*, e *RadioPublic*),

são feitas postagens nas redes sociais Facebook (<http://fb.me/JogandoDadosPodcast>), Instagram ([@jogandodadospodcast](https://www.instagram.com/jogandodadospodcast)) e Twitter ([@jogandodadospod](https://twitter.com/jogandodadospod)) e os *links* diretos são enviados para as listas de e-mails do GP de EPICC da Intercom e de sócios da Ulepicc-Brasil (Capítulo Brasil da União Latina de Economia Política da Informação, Comunicação e Cultura), associação civil na qual estão reunidos pesquisadores do campo, como os membros da equipe, das quais advém grande parte dos ouvintes.

Em julho de 2021, pensando em novos conteúdos e possíveis interessados, que talvez não tenham costume ou gostem de *podcast*, também foi criado um canal no *YouTube* (<https://bit.ly/youtubejogandodados>), que, por enquanto, tem apenas um vídeo. No dia oito daquele mês, com a presença de Carlos Figueiredo (UFS), foi realizada uma *live* sobre como podemos compreender a barrigada da Folha de S. Paulo no caso das supostas "vacinas vencidas" e o jornalismo "lavajatista" pela perspectiva da EPC.

Até o momento, em quase um ano e meio, foram publicados 100 episódios (na verdade, um deles foi um aviso sobre a *live*, a qual teve seu áudio posteriormente publicado como episódio #47). Dentro deles, consideramos parte da contagem "regular" os publicados às quartas-feiras. Do inicial #00 ao #49, publicado no dia 4 de agosto de 2021, são 51 os episódios desse tipo. Nesse universo, foram debatidos temas variados e considerados importantes pela bancada (por exemplo, o #18 - *O que é a Economia Política da Comunicação?*, no qual foram apresentadas definições conceituais sobre a EPC), bem como recebidos pesquisadores importantes da área, como o já mencionado Carlos Figueiredo, para falar sobre a precarização do trabalho jornalístico e a crise da empresa jornalística, mas também Helena Martins, quando foi abordada a proteção de dados pessoais.

O destaque, entretanto, fica para as séries que foram produzidas: dez episódios sobre o conceito de *Trabalho*; dez *Como Jogar Dados?*; sete sobre o dossiê temático "Mapeamento da Economia Política da Informação, da Comunicação e da Cultura: contribuições históricas e perspectivas para o futuro", que foi coordenado por Anderson Santos (Ufal) e Manoel Dourado Bastos (UEL) na revista *EPTIC*; e a mais recente é sobre os livros que consideramos importantes para a EPC brasileira, que já tem 13 episódios publicados sobre seis livros, mas que ainda tratará de um último agora em agosto. Voltaremos às séries na sequência.

Além dos episódios regulares, duas outras séries se alternaram aos sábados. Dentre esses 49 episódios, foram 32 *Dados na Mesa*, nos quais foram republicados áudios de rodas de leitura da Ulepicc-Brasil ou de mesas virtuais, e os outros sete episódios são da série *Cutucando os Dados*, na qual, em alguns minutos, membros da bancada tratam de fatos importante e que interessam às discussões normalmente feitas no programa, mas que não teriam espaço no momento, devido à já mencionada série de livros. Até agora, a Empresa Brasil de Comunicação (EBC), os *non-fungible tokens* (NFT) e *bitcoins*, a frustrada campanha por um sindicato na *Amazon*, a proposta de estatização da fábrica da LG, a crise global no mercado dos *chips* eletrônicos e a internet e os protestos em Cuba foram temas abordados na série.

Os Dados do Jogando Dados

O *Anchor* é uma plataforma gratuita de hospedagem de *podcasts* que não remunera diretamente os produtores de conteúdo, apesar de oferecer uma ferramenta para conectá-los com possíveis anunciantes (sendo ele próprio um deles). Essa possibilidade nunca foi explorada no *Jogando Dados*, especialmente por não ser de nosso interesse lucrar com o programa, que tem como objetivo primordial contribuir para a formação e estudo dentro do subcampo da EPC.

Caso, entretanto, quiséssemos direcionar episódios ou nos orientarmos de acordo com os ouvintes, a plataforma oferece uma série de dados coletados junto ao *Spotify* sobre a audiência e o desempenho dos episódios. A seguir, apresentaremos algumas capturas de tela do painel de controle (*dashboard*), por compreender que o debate ao redor da “mercadoria audiência” e da publicidade está na fundação da EPC e que, portanto, o tipo de dado coletado e disponibilizado pode ser de interesse em debates e pesquisas futuras. Com raríssimas exceções, entretanto, não faremos mais que um registro dos dados. Tampouco apresentaremos os dados de episódios individuais (como retenção e número de escutas), algo que será justificado posteriormente.

Na figura 1, vemos que, até o momento do registro (todos eles são do dia 10 de agosto), são 5.374 escutas, ou seja, vezes que alguma pessoa ao menos começou a ouvir algum dos episódios. Na mesma tela, são apresentados dados semanais de ouvintes únicos e uma audiência estimada, calculada a partir do desempenho dos episódios mais recentes.

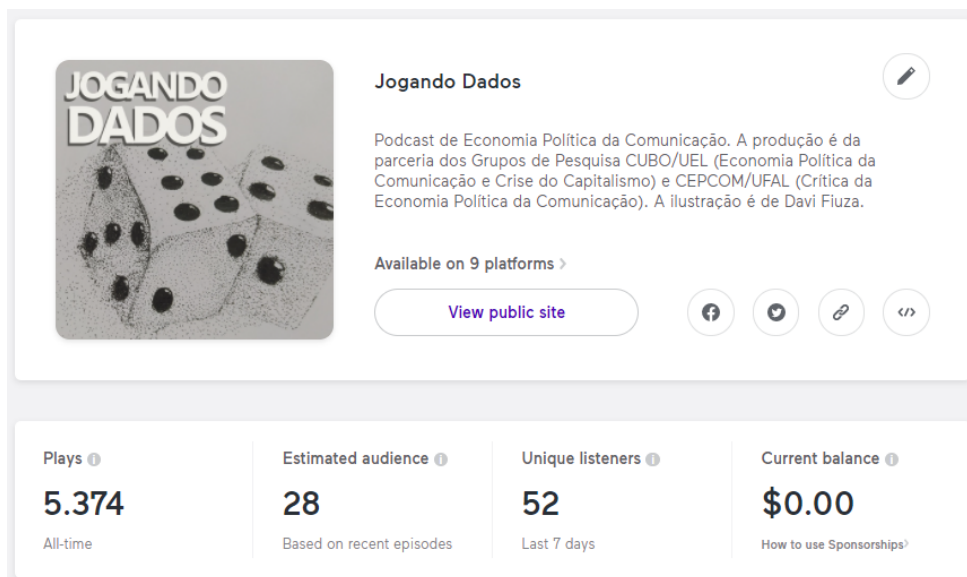


Figura 1: Audiência do *Jogando Dados* em 10 de agosto de 2021
Fonte: anchor.fm

Na figura 2, alguns novos dados sobre a audiência são oferecidos. Interessante notar que 70% dos ouvintes estão localizados no Brasil e outros 23% nos Estados Unidos. Portugal, com 2%, e Irlanda, com 1%, também aparecem na sequência, que depois é completada por vários outros que somam menos de 1%. O *Spotify* é a plataforma mais utilizada pelos ouvintes, com 31%, seguida por *Apple Podcasts* e o próprio *Anchor*, que somam 13% e 12%, respectivamente, e o *Castbox*, com 6%.

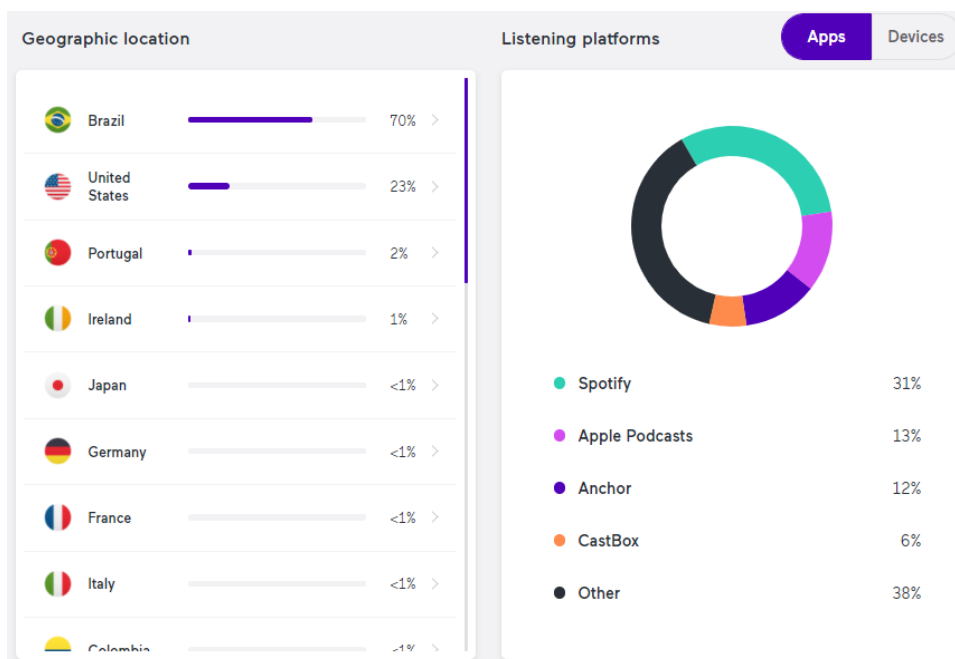


Figura 2: País do qual e plataforma através da qual é ouvido o *Jogando Dados*
Fonte: anchor.fm

Refinando um pouco a análise dos dados, a plataforma, como pode ser visto na figura 3, oferece os dados por região de cada país listado, bem como o dispositivo utilizado pelos ouvintes. O Paraná, onde está a UEL, é responsável por 20% dos ouvintes localizados no Brasil, seguido por São Paulo, com 13%, e Alagoas, com 10%, onde está a UFAL. Além da presença dos grupos de pesquisa e de conhecidos ou pessoas próximas em dois dos três estados que mais ouvem o *podcast*, poderíamos destacar que a UEL tem um grande número de alunos e egressos em São Paulo, o segundo da lista, que é também o estado mais populoso do país. Poderíamos creditar ainda parte da audiência à utilização dos episódios como conteúdo complementar por parte dos professores que lideram Cubo e Cepcom, seja em suas aulas na graduação ou na pós-graduação, visto que estamos em um cenário pandêmico, com ensino remoto, e o tempo em sala (virtual) de aula é reduzido em comparação com o presencial.

Os dados relativos a dispositivos utilizados na audição apontam para 20% de usuários de *Android*, 15% de *Apple* e 10% que ouvem pela própria rede de computadores. 55% dos dispositivos restantes estão classificados como “Outro”, ou seja, a plataforma e o *Spotify* não conseguiram identificar ou classificar.

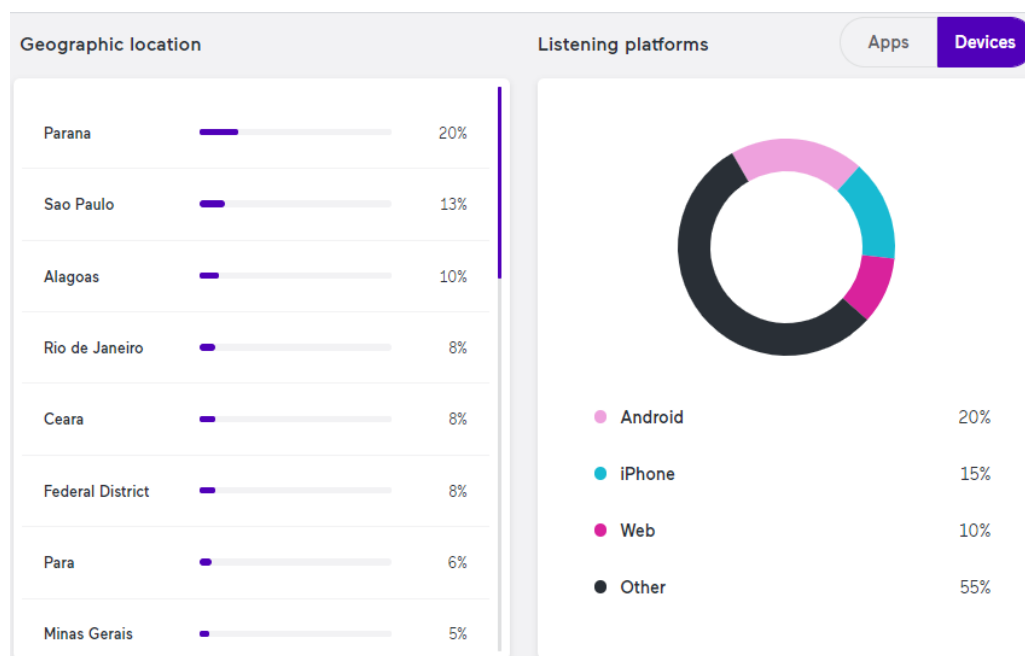


Figura 3: Estado do qual e dispositivo através do qual é ouvido o *Jogando Dados*
Fonte: anchor.fm

Na parte final da página inicial, retratada na figura 4, são apresentados dados relativos à gênero e idade. Mulheres representam metade dos ouvintes, homens 45%, não binários 1% e não especificados 5%. Com relação à idade, 32% dos que escutam o *podcast* têm entre 28 e 34 anos, seguidos por 23 a 27 e 35 a 44, com 24% cada. Totalizando, assim, 80% da audiência na faixa que vai dos 23 aos 44 anos.

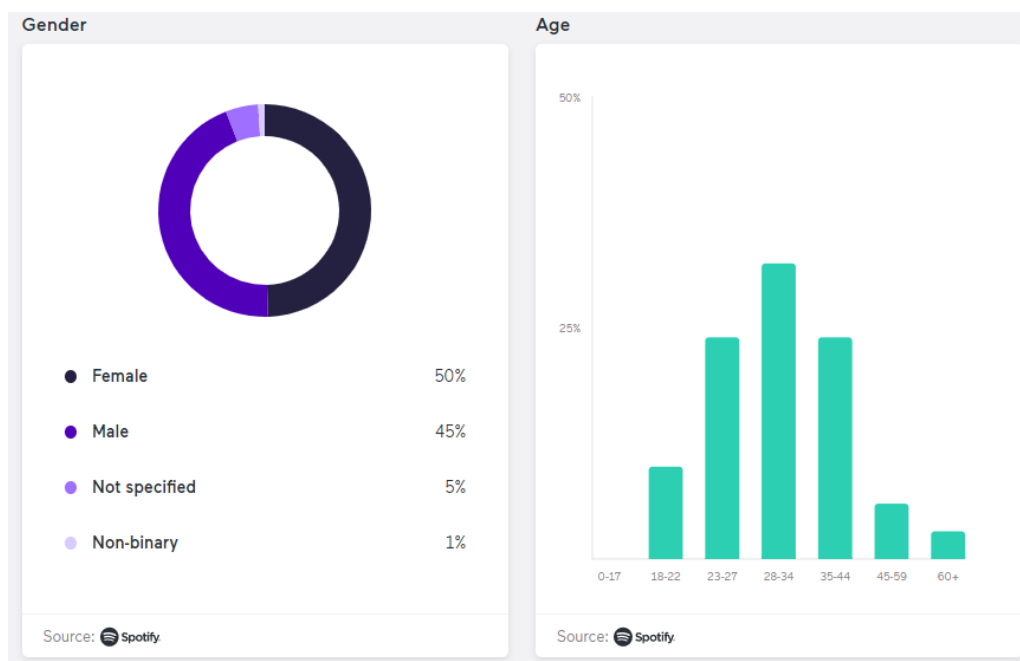


Figura 4: Gênero e idade dos ouvintes do *Jogando Dados*
Fonte: anchor.fm

Para uma plataforma gratuita e considerando a facilidade para produção, hospedagem e distribuição, acreditamos que há bastante dados disponíveis para os *podcasters*, que poderiam utilizá-los para pensar em formas, sejam elas internas, mas principalmente externas (buscando publicidade e/ou financiamento por conta própria ou através de alguma agência), de vender esse público abstraído como audiência (BOLAÑO, 2000) para anunciantes.

Como dito anteriormente, entretanto, o caráter do *Jogando Dados* é outro e isso nos leva de volta às séries produzidas no *podcast*. Devido ao objetivo de auxiliar na formação e funcionar como material de apoio para novos (mas não só) pesquisadores do subcampo da Economia Política da Comunicação, os dados individualizados sobre cada um dos episódios são poucos relevantes para a produção e a decisão acerca do material a ser produzido no *Jogando Dados*. Acreditamos que alguns deles podem ser interessantes, especialmente para auferir o desempenho de episódios “teste”, como, de

certa forma, foram os dois sobre os programas televisivos *Chaves* e *Chapolin Colorado*, os quais, devido a problemas com direitos autorais, deixaram, em 1 de agosto de 2020, de serem exibidos ao redor do mundo. Mesmo tendo acesso aos dados de escuta e retenção, os quais são, sim, acompanhados pela equipe, nos parece extremamente problemático (e um dos problemas que envolve o chamado jornalismo/conteúdo “caça-clique”) orientar toda a lógica de produção do *Jogando Dados* de acordo com a “audiência”, como também o seria, vale ressaltar, se houvesse algum anunciante ou pressão econômica/política sobre o conteúdo.

Imaginem, por exemplo, se a equipe considerasse o número de escutas ou a retenção como determinantes para classificar um pesquisador e/ou tema como importantes ou não para as discussões e a EPC... complicado, não? Por isso, ao longo de todo o período de existência do *Jogando Dados*, o principal determinante para a discussão e produção dos episódios é o que os grupos de pesquisa Cubo e Cepcom consideram importante para a formação e apresentação da perspectiva adotada por eles dentro EPC, assim como material que poderá ser utilizado nas aulas de graduação e pós-graduação, não só agora durante a pandemia e o ensino remoto, mas também como material de apoio ou complementar em momentos futuros.

As séries formativas do *Jogando Dados*

Além dos episódios sobre temas variados, os *Dados na Mesa* e os *Cutucando os Dados*, que não exploraremos neste momento, podemos destacar quatro séries já produzidas no *Jogando Dados*. A primeira delas, que engloba os episódios do #08 ao #17, foi sobre a categoria “trabalho”. Além da apresentação e do balanço, foi debatido o conceito marxista de trabalho, com Rodrigo Moreno Marques (UFMG), a subsunção do trabalho intelectual, com César Bolaño (UFS), o trabalho cultural, com Verlane Aragão Santos (UFS), os empregos de merda, com Rodolfo Rorato Londero (UEL), a comunicação em fábricas recuperadas por trabalhadores, com Júlio Arantes (UFAL), as relações de raciais, o racismo e o trabalho na Comunicação, com Ivonete da Silva Lopes (UFV) e Tamiris Anunciação, jornalista formada pela UEL, e relações de gênero, patriarcado e trabalho na Comunicação, com Ana Maria da Conceição Veloso (UFPE) e Rafaela Martins de Souza, doutoranda em Comunicação pela Universidade de Coimbra.

A segunda série, esta a única das três publicada aos sábados, buscou auxiliar os ouvintes a pensar em como estudar a partir da EPC. Ao todo, foram publicados dez episódios, sendo oito deles com um dos coordenadores de Grupo de Trabalho (GT) da Ulepicc-Brasil. A numeração da série é independente, ou seja, do #1 ao #10. Participaram Marco Schneider (Ibict e UFF), do GT Estudos Críticos em Ciência da Informação, Ivonete da Silva Lopes (UFV), do GT Estudos Críticos sobre identidade, gênero e raça, Juliana Teixeira (UFPI), do GT Economia Política do Jornalismo, Verlane Aragão Santos (UFS), do GT Políticas culturais e Economia Política da Cultura, César Bolaño (UFS), do GT Teoria e Epistemologia da Economia Política da Comunicação, Murilo César Ramos (UnB), do GT Políticas de Comunicação, Rozinaldo Miani (UEL), do GT Comunicação popular, alternativa e comunitária, Jonas Valente (UnB), do GT Indústrias Midiáticas. Os outros dois episódios foram com os ex-presidentes da Ulepicc-Brasil Adilson Cabral (UFF) e Marcos Dantas (UFRJ).

A terceira das séries foi sobre o dossiê temático “Mapeamento da Economia Política da Informação, da Comunicação e da Cultura: contribuições históricas e perspectivas para o futuro”, que foi coordenado e apresentado (SANTOS; BASTOS, 2020) por Anderson Santos (Ufal) e Manoel Dourado Bastos (UEL) na Revista *EPTIC*, a mais importante para a EPC. Além da apresentação, foram gravados episódios, numerados do #28 ao #34, com autores de cada um dos seis artigos publicados. Participaram do *podcast* Carlos Figueiro (UFS), Verlane Aragão Santos (UFS) e Marcelo Rangel, mestre em Comunicação pela UFS, Ivonete da Silva Lopes (UFV) e Paulo Victor Melo, doutor em Comunicação e Cultura Contemporâneas, Kátia Moraes (UNEB), Chalini Barros (UFRJ), Sil Bahia, pesquisadora do Peic/UFRJ, e Suzy dos Santos (UFRJ), e Rafael Câmara, doutor em Ciência da Informação pela UFPB.

A última das quatro séries mencionadas é sobre as obras que Cubo e Cepcom consideram fundamentais para compreender o ou pesquisar dentro EPC. Apresentada no final de janeiro de 2021, ela é composta por seu episódio de apresentação e dois outros para cada um dos sete trabalhos selecionados. Com exceção do livro *Informação, Conhecimento e Valor*, de Ruy Sardinha Lopes (2008), que será abordado neste próprio mês de agosto de 2021, a seguir apresentaremos brevemente cada um dos livros/teses já trabalhados no *podcast*, bem como seus autores.

Apesar de cronologicamente não ser o primeiro dos livros publicados, a série começou com *Indústria Cultural, Informação e Capitalismo*, do professor da UFS César Bolaño (2000), por compreender que ele representa, nos termos de Bastos (2020), a “virada dialética” para a fundação do campo e a elaboração do conceito de “forma social da comunicação”. O livro foi publicado a partir da tese defendida pelo autor em 1993 no Instituto de Economia da Unicamp. No primeiro dos episódios, o #37, publicado em 17 de fevereiro, em pouco menos de 1h, Guilherme Bernardi, Manoel Dourado Bastos (UEL) e Willian Casagrande Fusaro falaram sobre a estrutura do livro e os três capítulos da metade, que é a parte mais abstrata e teórica, na qual Bolaño deriva as formas capitalistas da informação e da comunicação e depois particulariza a Indústria Cultural. Na semana e episódio seguintes, os três, em pouco mais de 50 minutos, trataram da segunda metade do livro, principalmente sobre os esquemas do autor para abordar as comunicações em termos de regulação.

Na sequência foi apresentado a contribuição fundamental de Anita Simis para os estudos sobre cinema no Brasil por meio da obra *Estado e Cinema no Brasil*. O livro conta com três edições (1996, 2007 e 2015), tendo a segunda edição (2015) recebido o prêmio “Rumos Pesquisa - Gestão cultural”, oferecido pelo Itaú Cultural. Oriunda de uma tese defendida em Ciência Política na USP, a obra de Anita caracteriza-se por ser um trabalho de fôlego que começa na década de 80 com o objetivo de mudar o olhar sobre o cinema do ponto de vista acadêmico, ou seja, de evitar uma abordagem historiográfica sobre a temática como se fazia até então.

Embora Anita procure periodizar sua análise predominantemente em dois momentos: de 1930-45 (governo autoritário) e de 1945-64 (governo democrático), a sua obra se destaca justamente pela exploração do tema de maneira não cronológica. Suas análises buscam pontuar o que há de mais importante em determinado recorte temporal, trazendo a correlação do desenvolvimento do cinema no Brasil com as políticas econômicas desempenhadas pelo estado, bem como o papel da cadeia produtiva (produtoras, distribuidoras e exibidoras) no acúmulo de capital neste setor da indústria cultural. A discussão do livro foi feita em dois episódios (#39 e #40), sendo apresentados por Anderson Santos (Ufal), Rafaela Martins e Gina Mardones. A temática do cinema pela abordagem da EPC já havia aparecido no episódio #22 quando da participação de Gabriela Andrietta, doutoranda e orientanda de Simis pelo programa de

pós-graduação em Artes da Unesp. A pesquisa em desenvolvimento de Andrietta trata do “Acesso e diversidade na digitalização do parque exibidor de cinema no Brasil”.

Depois dos dois episódios sobre o livro de Anita Simis, a série retornou à obra de César Bolaño, para tratar de *Mercado Brasileiro de Televisão*. A primeira publicação da obra data de 1988, pelo Programa Editorial da UFS, sendo um aprimoramento de sua dissertação, defendida dois anos antes também no Instituto de Economia da Unicamp. O MBT ganharia ainda outras duas edições no Brasil: a atualização de 2004, publicada pela Educ, e uma versão enquanto livro eletrônico no Portal EPTIC, em 2016, quando também foi lançado em espanhol. Nos dois episódios sobre ele (#41 e #42), publicados em 14 e 21 de abril, Anderson Santos (Ufal), Gabriela Fernandes Silva, Manoel Dourado Bastos (UEL) e Rafaela Martins de Souza trataram, em cerca de 1h10min e 1h30min, respectivamente, primeiro sobre a discussão teórica e o início da análise história do mercado brasileiro de televisão, para, na segunda parte, abordar com mais atenção desde a entrada até a consolidação do oligopólio liderado pela Globo. Além da própria obra, há um importante artigo de Manoel Bastos (2019) que auxiliou na produção dos episódios.

O trabalho de Valério Brittos Cruz também foi considerado como fundamental para os estudos da EPC. Defendida em 2001 no programa de pós-graduação em Comunicação e Cultura Contemporânea da Universidade Federal da Bahia (UFBA), a tese traz uma pesquisa extensa e bastante detalhada, importante para os estudos sobre televisão. O primeiro capítulo organizativo situa a EPC nos debates dos estudos críticos da comunicação, como por exemplo a Escola de Frankfurt, além de fazer uma discussão com os estudos culturais de Canclini e Barbero.

Dialogando com a EPC, Brittos apresenta várias taxonomias que são importantes para o desenvolvimento do campo, ampliando o leque de funções da Indústria Cultural já apresentadas nas obras de César Bolaño (publicidade, propaganda e programa). Propõe outras seis categorias: econômica, concorrencial, produção de sentido, informativa-orientadora, entretenimento e ideológica. A discussão do potencial da cultura é feita também a partir de conceitos como aleatoriedade e subsunção, que apontam para a dialética: despersonalização da obra e repersonalização pela diferenciação midiática. Outro tema importante, principalmente para entender a configuração da TV tanto aberta quanto fechada no Brasil são os conceitos de

concorrência, oligopólio e barreiras à entrada. Neste sentido é importante o exemplo da TV Globo que na versão tv por assinatura é o grupo que vai desenvolver essas barreiras. Assim, Valério apresenta o desenvolvimento da TV Globo a partir de seus investimentos na Itália (com TV Monte Carlo), bem como sua atuação em Portugal.

A obra de Brittos foi discutida por Júlio Arantes (Ufal), Anderson Santos (Ufal) e William Fusaro nos episódios #43 e #44 do Jogando Dados. Uma importante contribuição sobre o trabalho do autor também pode ser encontrada no artigo “Aportes teóricos-conceituais de Valério Cruz Brittos à Economia Política da Comunicação”, de autoria de Anderson Santos e César Bolano, publicado na revista *Liinc* em maio de 2020.

O quinto livro da série foi *A lógica do capital-informação: a fragmentação dos monopólios e a monopolização dos fragmentos num mundo de comunicações globais*, do professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) Marcos Dantas (2002), que teve seus episódios publicados em 23 e 30 de junho. No primeiro deles, o #45, em pouco mais de 1h15min, Manoel Dourado Bastos (UEL), Gabriela Fernandes Silva e Guilherme Bernardi falaram principalmente sobre a estrutura do livro e seu caráter menos acadêmico e mais de intervenção pública e tentativa de construção de algo como um projeto de desenvolvimento nacional brasileiro, já que em 1996, ano original da publicação, apesar de estarem se encaminhando as privatizações das telecomunicações brasileiras, havia pouco debate ou interesse sobre o tema. Na segunda parte, o episódio #46, em pouco mais de 1h20min, os três recuperaram alguns dos temas tratados anteriormente, mas com o objetivo de comentar o prefácio à segunda edição, publicada em 2002 já depois das privatizações terem sido realizadas. O péssimo cenário “previsto”/alertado por Dantas havia se tornado realidade.

A última discussão feita na série dos livros sobre EPC trata da tese “Reestruturação Capitalista e o mundo e o mundo do trabalho nas telecomunicações brasileira”, de Verlane Aragão Santos (UFS), e que foi defendida em 2007 no programa de doutorado em Desenvolvimento Econômico pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). O trabalho de Verlane tem como objetivo mostrar as consequências da reestruturação das telecomunicações a partir da configuração do neoliberalismo na década de 1980 (sobretudo com a financeirização do capitalismo) pelo viés das transformações tecnológicas, produtivas e institucionais. Esta última fundamenta-se na

categoria chave “firma rede”, cujo conceito busca compreender a dinâmica do mercado interno das operadoras, e também o mercado externo no sentido de compreender como se dá a relação reticular entre essas empresas.

Para compreender seu objeto de análise, o caso da Telefônica-SP, Verlane buscará aportes teóricos em Marx e Schumpeter. Em Marx, a autora parte da abstração das leis gerais de acumulação do capital como produção de valor e mais-valia. De Schumpeter virão as discussões sobre inovação a partir do estudo dos capitais particulares e a corrida pela evolução técnica como uma norma estratégica de concorrência das firmas. A partir disso, a pesquisadora aborda o desenvolvimento da Telefônica desde sua matriz na Espanha, até sua expansão pelos países da América Latina, em especial o caso brasileiro.

A análise perpassa também o debate da agenda neoliberal que implementou a privatização, a desregulamentação e a liberalização, sem as quais tais transformações nas relações de trabalho não seriam implementadas. Além da precarização decorrente do processo de terceirização, o desmonte do setor de telecomunicações trouxe a atrofia das representações coletivas encabeçadas pelo sindicato do setor. A tese de Verlane Aragão Santos foi apresentada nos episódios #48 e #49 por Guilherme Bernardi, Júlio Arantes (Ufal) e Gina Mardones. Antes, a autora já havia estreado com uma participação no episódio #11, trazendo uma importante contribuição sobre trabalho cultural pelo viés da EPC.

Referências

BASTOS, Manoel Dourado. Indústria Cultural e capitalismo tardio: origens da Economia Política da Comunicação no Brasil em Mercado Brasileiro de Televisão. **Chasqui**, Quito, n 142, p. 187-202, 2019. Disponível em: <https://revistachasqui.org/index.php/chasqui/article/view/4121>. Acesso em: 21 mar. 2021.

BASTOS, Manoel Dourado. A EPC e o Estado como forma política: A virada dialética de Indústria Cultural, informação e capitalismo. In: Intercom – Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 46., 2020, Salvador. **Anais eletrônicos**[...]. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/sis/eventos/2020/resumos/R15-1349-1.pdf>. Acesso em: 29 mar. 2021.

BOLAÑO, César. **Indústria Cultural, informação e capitalismo**. São Paulo: Hucitec/Polis, 2000.

BOLAÑO, César. **Mercado Brasileiro de Televisão**. 2ª. ed. rev. e ampl. São Cristóvão/SE: Universidade Federal de Sergipe; São Paulo: EDUC, 2004.

BOLAÑO, César; SANTOS, Anderson. Aportes teórico-conceituais de Valério Cruz Brittos à Economia Política da Comunicação. **Liinc em Revista**, [S. l.], v. 16, n. 1, p. e5120, 2020. Disponível em: <http://revista.ibict.br/liinc/article/view/5120>. Acesso em: 10 ago. 2021.

CRUZ, Valério Brittos. **Capitalismo contemporâneo, mercado brasileiro de televisão por assinatura e expansão transnacional**. 2001. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporânea) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2001.

DANTAS, Marcos. **A lógica do capital-informação: a fragmentação dos monopólios e a monopolização dos fragmentos num mundo de comunicações globais**. 2ª. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Contraponto, 2002.

JOGANDO DADOS. **Anchor**. Disponível em: <https://anchor.fm/jogando-dados>. Acesso em: 10 ago. 2021.

LOPES, Ruy Sardinha. **Informação, Conhecimento e Valor**. São Paulo: Radical Livros, 2008.

SANTOS, Anderson; BASTOS, Manoel Dourado. Apresentação do dossiê temático “Mapeamento da Economia Política da Informação, da Comunicação e da Cultura: contribuições históricas e perspectivas para o futuro”. **EPTIC**. v. 22 n. 3, p. 66-74, set.-dez. 2020. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/eptic/article/view/14556/10965>. Acesso em: 10 ago. 2021.

SANTOS, Verlane Aragão. **Reestruturação capitalista e mundo do trabalho nas telecomunicações brasileiras: a firma rede e as novas configurações do trabalho Serviço Telefônico Fixo Comutado de São Paulo**. 2007. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Econômico) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

SIMIS, Anita. **Estado e Cinema no Brasil**. São Paulo: Editora Unesp, 2015.